

TRABALHO, AMOR E O ENVOLVIMENTO DOS AFRO-AMERICANOS NA FAMÍLIA*

Vânia Penha-Lopes

[Desde que eu tinha 18 anos, já tive] mais ou menos 50 empregos [risos]. Todos aqueles empregos que eu tive, fui despedido, crescendo como homem negro jovem, é tão difícil, sabe, conseguir um bom emprego, um bom emprego que te possibilite se aposentar, ou trabalhar num emprego 20 anos ou mais, de modo que você na época tenta é achar o que for melhor pra você. Eu entrava e saía de emprego—em construção, de mensageiro, a inspetor de obras. Tive um monte de empregos. Te digo: fiz tantos bicates! (Curtis, 31 anos, casado, pai de uma menina de seis anos).

O envolvimento familiar dos homens afro-americanos varia consideravelmente. Baseada em entrevistas prolongadas com 45 pais afro-americanos,¹ identifiquei três tipos de envolvimento: “engajados”, “ajudantes” e

* Vânia Penha-Lopes é professora do Departamento de Sociologia do Bloomfield College, New Jersey, USA. E-mail: vania_penha-lobes@bloomfield.edu. Uma versão deste texto foi apresentada na III Conferência Bianual da Associação para o Estudo da Diáspora Africana Mundial (ASWAD) no Rio de Janeiro em 6 de outubro de 2005.

¹ Este estudo é baseado em entrevistas densas que conduzi com uma amostra não-aleatória de 45 pais de menores entre 1993 e 1996 a fim de explorar as questões sobre como e por que os homens negros participam na vida familiar. Todos os entrevistados eram moradores

“esquivos.” Os engajados são aqueles que contribuem em pelo metade do trabalho de casa (i.e., cuidado das crianças e serviço doméstico); os ajudantes fazem pelo menos um-terço, mas menos da metade dos afazeres; e os esquivos participam de menos de um-terço dos afazeres.²

Uma análise dos dados revela que as experiências de infância e suas memórias são significativas, mas não explicam completamente as escolhas que os homens fazem quanto à sua participação na divisão do trabalho doméstico (Penha-Lopes, 1999). Este artigo examina o impacto das experiências de trabalho que os homens tiveram no passado e as e vigentes na época das entrevistas, bem como o de seus relacionamentos amorosos, no seu envolvimento familiar.

Quando a maioria dos entrevistados eram meninos, eles esperavam ter empregos fixos na vida adulta. Infelizmente, esse não foi sempre o caso, como a citação acima ilustra. Embora a longa lista de empregos de Curtis não era a norma entre os entrevistados, sua dificuldade em conseguir um emprego viável o era. De modo geral, os pais desta amostra tiveram uma média de mais de nove empregos. Além disso, 60% da amostra (57% dos quais eram engajados, 50% eram ajudantes e 80% eram esquivos) haviam estado desempregados em algum momento ou tiveram dificuldade em achar empregos. Ao todo, muitos desses homens tinham histórias empregatícias instáveis, o que refletia as muito conhecidas barreiras sistemáticas que os homens negros confrontam no mercado de trabalho, tais como a falta de estabilidade, baixos salários e status e altas taxas de saída do mercado (Bowman, 1991). Sob um ponto de vista individual, suas histórias também refletem sua satisfação com empregos passados e percepções de desigualdades devido a seu status racial.

Em algum ponto em suas vidas, vários entrevistados estavam empregados no mercado de trabalho secundário. Como Curtis, muitos se em-

da área metropolitana de Nova Iorque à época das entrevistas, angariados através dos métodos de referimento e bola de neve. Dois-terços eram casados ou viviam com mulheres e a maioria vivia com os filhos. Cerca de dois-terços tinham empregos de classe média, 20% não estavam empregados e o restante tinha empregos de classe trabalhadora. A faixa etária dos entrevistados era de 19 a 49 anos; quase metade tinham de 30 a 40 anos.

² Para uma descrição detalhada da metodologia, v. Penha-Lopes (2006).

pregaram na contrução civil sem serem sindicalizados, apenas para se verem desempregados quando o prédio era concluído. Outros, como Norman, admitidamente “eram cheios de atitude” e desistiam muito facilmente se eles não se davam bem com seus patrões. Ainda outros atribuíam seus problemas no mercado de trabalho ao racismo; como colocou Melvin, “Ser negro, independente e forte era visto como uma ameaça”.

Segundo o argumento de Wilson (1987), o desemprego e o subemprego diminuem o senso de auto-valor de um homem, diminuem seus dotes casamenteiros nos olhos das mulheres (devido ao forte roteiro social que exige que os homens sejam arrimos de família) e também os isolam socialmente. Por outro lado, como Gerson (1993) demonstrou, o afã de ser bem sucedido no setor empregatício pode reduzir o envolvimento familiar dos homens apenas à provisão econômica.

Muito embora a maioria dos entrevistados ou estavam empregados ou estavam estudando para melhorar suas chances no mercado de trabalho quando desta pesquisa, uma história de desemprego deixou uma marca na sua performance como pais, tanto em termos do seu real envolvimento nas vidas de seus filhos como em suas auto-percepções de pais. Os esquivos diferem dos engajados e dos ajudantes por serem os que tiveram o maior número de casos de desemprego; os esquivos também eram os menos satisfeitos com suas situações empregatícias naquele momento. Em comparação, os homens com uma história de empregos firmes eram os que mais se envolviam moderadamente na vida familiar.

Resultados e Discussão

No Extremo: As Experiências Empregatícias dos Esquivos

Mais do que os outros dois tipos, os homens que se esquivavam do envolvimento com seus filhos haviam seguido dois caminhos distintos de trabalho, ambos os quais os haviam afastado da vida familiar. Um caminho reflete uma espiral de queda, caracterizado pela falta de instrução, uma série de empregos que não levavam a nada, desemprego, abuso de drogas e tempo passado na prisão. O outro caminho começou com a busca da educação superior e progrediu na direção do sucesso profissional

constante. Apesar de suas dessemelhanças, os homens que haviam seguido qualquer um desses caminhos partilham o aspecto mais marcante de sua concepção de pai: uma forte adesão à ética do sustento da família.

Espiral de Queda

Para 60% dos esquivos (13% da amostra total), o desemprego havia sido, até próximo da época das entrevistas, uma constante. Em sua maioria meninos que abandonaram o ensino médio, seus limitados êxitos educacionais os deixaram à mercê de empregos mal-remunerados ou de temporada com poucas oportunidades de promoção. Grover, de 28 anos, um “pau pra toda obra” numa pet shop, tinha tido algo como oito empregos. Aos 20 anos, tendo sido despedido de um emprego do qual ele gostava porque seu patrão foi indiciado por sonegação do imposto de renda e tendo que sustentar sua namorada grávida, Grover foi trabalhar para uma firma de serviços alimentícios. O que ele considerava a falta de sentido de suas obrigações (i.e., encher as máquinas de alimentos) matou seu interesse: “Não parecia algo que eu quisesse fazer continuamente e parecia que eu não estava indo a lugar nenhum. Fiquei lá durante cinco meses e ainda estava fazendo a mesma coisa. Eu queria avançar, pelo menos ir trabalhar na cozinha, sabe? O cozinheiro fazia aquilo, mas eles só me deixavam lá”.

Como resultado de sua baixa tolerância pelo que eles viam como trabalhos sufocantes, os homens não raro se sentiam frustrados e deixavam um emprego mesmo quando não tinha outro à sua espera. Como Norman, um estudante universitário de 32 anos, contou,

Eu estava sempre desempregado. Se não fosse de temporada — e lembre-se, a maioria dos trabalhos que eu tive foram em construção—se não fosse de temporada era porque eu não gostava do emprego, eu não conseguia me dar bem com o patrão, o patrão não gostava de mim, o que seja, e eu tinha um nível de tolerância muito baixo. Eu simplesmente não podia tolerar muito de nada. Então, mesmo que eu estivesse com fome ou estava na hora de pagar o aluguel, eu largava o trabalho rapidinho.

Esses homens se viam ~~face-a-face~~ com um dilema: embora eles não hesitassem em largar empregos, sustentarem-se era tão fundamental para

a sua identidade própria que eles freqüentemente tinham vergonha de receber seguro-desemprego. Grover explicou:

Toda vez que estive desempregado, eu só fiz o que eu tinha que fazer pra ganhar algum dinheiro.

Você recebeu ajuda pública?

Não, quer dizer, eu ia lá e estava pronto a passar pelo processo todo, mas eu simplesmente nunca cheguei às vias de fato. Tem mais que eu posso fazer além de sentar por aí e receber um dinheiro e ficar esperando um cheque porque há outros modos de ganhar dinheiro além de esperar o governo me mandar algum dinheiro. Fiz serviço elétrico, sabe, pintei paredes. Qualquer coisa que as pessoas precisavam que fosse feita, eu fazia.

“Fazer o que tinha que ser feito” acabou por levar a maioria desses homens (inclusive Grover) a se engajarem em atividades criminais a fim de se sustentarem. Paradoxicalmente, a rejeição temporária dos meios costumeiros — mesmo arriscando a prisão — deu a esses homens um módico de orgulho que adveio de controlar sua situação financeira de uma forma que lhes era impossível no mercado de trabalho. Desse modo, eles assumiram “o lado negativo de ser *cool*” (Majors & Bilson, 1992).^{3,4}

³ Majors e Bilson (1992:4) definem a “*cool pose*” como “a apresentação do eu que muitos negros usam para estabelecer sua identidade masculina. A *cool pose* é uma forma ritualizada de masculinidade que engloba comportamentos, scripts, postura física, administração de impressões e performances cuidadosamente elaboradas que deixam uma mensagem singular e crítica: orgulho, força e controle”. Essa forma de masculinidade, os autores argumentam, resultam da frustração que os homens negros vivenciam devido ao seu historicamente baixo status social e econômico. No seu lado positivo, a *cool pose* produz criatividade, dignidade e competência social. No seu lado negativo, que inclui a delinqüência, ela “pode...injetar um estremecimento nos seus relacionamentos mais íntimos, criar problemas entre ele e as autoridades e reforçar uma indiferença que tem por base viver longe demais de suas emoções mais profundas” (p. 37).

⁴ Essa, como todas as outras traduções, são da autora.

Porém, se a delinquência era uma forma financeira de lidar com o desemprego, ela apenas agravou o desespero emocional desses homens quanto àquele problema, posto que ia contra seu perfil moral. Clarence confidenciou, “Era doloroso porque eu não gostava do que eu tinha que fazer — necessário para sobreviver, de modo que era um pouco doloroso. Pra você entender melhor, [em] 1990 fui preso. Era isso que não queria lhe contar”. Enquanto estava na cadeia, Clarence começou a fazer cursos universitários; quando eu o entrevistei em 1993, ele almejava abrir uma creche após se formar em serviço social. De forma semelhante, Lionel relatou a vergonha que ele sentiu e como o apoio de sua mãe por fim o encorajou a voltar a viver uma vida legítima: “Não era bom. Emocionalmente era algo contra a maneira como fui criado, certo? E a minha mãe nunca realmente — como se diz? — me menosprezou por causa disso; ela sempre me dava pequenos toques que eu podia fazer melhor, tipo, ‘Por que você não pára de fazer o que está fazendo?’ e eu saí daquela lama”.

Freqüentemente, os homens tentaram amenizar a perda de auto-estima advinda de seus fracassos no mercado de trabalho se alcoolizando e se drogando. Para Norman, aquilo resultou em anos de vida morando nas ruas, após seus “consternados” parentes e amigos passaram a se recusar a alojá-lo. Para Frank, seu vício de drogas levou a uma infecção de HIV e a impossibilidade de achar emprego. Notavelmente, Frank assumiu responsabilidade pela sua situação; conselheiro de viciados à época da entrevista, ele acreditava que havia recebido uma nova chance na vida. Ao mesmo tempo, ele partilhava como os outros esquivos uma intensa frustração com relação ao desemprego: “Pra mim, sinto falta de trabalhar. Sinto sim, porque eu gosto de ser independente.... As melhores coisas desde que parei de trabalhar? Realmente, não posso responder. Eu não gosto. Não gosto.”

Embora, quando eu os entrevistei, todos os homens nesta categoria ou estavam empregados ou estavam estudando, suas experiências de trabalho haviam prejudicado seus relacionamentos com os próprios filhos. Anos de vício ou cadeia os preveniram de viver com seus filhos ou até mesmo de se disponibilizarem para cuidar deles com regularidade. even being available for continuous child care. Como esses homens definem ser pai primariamente como a habilidade de garantir o futuro de

seus filhos, o mais importante para eles é que sua falta de recursos financeiros havia provocado uma diminuição de contato. Desse modo, Grover sonhava em conseguir “um emprego decente, como talvez na prefeitura ou algo que eu pudesse pelo menos dizer que eu não vou ser despedido ou algo parecido”. Com um emprego melhor, ele esperava poder pagar para que seu filho de oito anos, que morava no sul com a mãe, fosse visitá-lo, assim como poder lhes mandar dinheiro mais consistentemente. Frank, sem nenhuma esperança de algum dia voltar a ter um salário, comoventemente afirmou,

Eu nunca me envolvi. Eu não fui pai pras minhas filhas [de 24 e 14 anos].... Você veste as calças todo dia, mas isso não o torna pai ou homem. Porque eu não queria filho e quando elas chegaram aqui, eu estava com medo e não quis nenhuma responsabilidade.... Embora a segunda veio, mas eu queria trabalhar pra sempre, eu pensei, meu salário parou. É o que estou te falando, estou sendo honesto com você.

Foco no Sucesso Financeiro

Os esquivos financeiramente bem sucedidos também definiram paternidade primariamente como provisão próspera. Quando perguntados sobre os efeitos de trabalhar em meio expediente ou não trabalhar na sua vida familiar, eles invariavelmente citaram a dificuldade em pagar as contas ou a pensão alimentícia de seus filhos, mas não a possibilidade de passar mais tempo com seus filhos. Davis, o qual, aos 24 anos, era um ambicioso vendedor financeiro, via sua esposa e filho de dois anos apenas nos fins de semana porque ele queria aumentar sua clientela fazendo hora extra; ele acreditava que poderia desfrutar da companhia de seu filho mais tarde, uma vez que o seu comprometimento com o trabalho o tivesse levado “onde eu quero ir, se isso faz algum sentido.” Portanto, não deve causar espanto que, como todos os esquivos, ele tem de ser lembrado duas vezes para pensar além das consequências óbvias do desemprego (i.e., renda diminuída):

Suponha que você não estivesse trabalhando. Além do dinheiro, você acha que sua vida familiar mudaria?

Provavelmente, definitivamente mudaria.

Como?

Não tem nenhum dinheiro entrando.

Mas além disso.

Só passar mais tempo com a família, mas, sabe, que vantagem tem isso se você não puder sustentá-los?

Isso já aconteceu?

Os esquivos financeiramente bem sucedidos se diferenciam dos esquivos menos bem sucedidos porque têm carreiras estabelecidas. Todos profissionais, seus trabalhos requerem hora extra, o que diminui ainda mais seu envolvimento diário com seus filhos. Mas como, ao contrário do outro subgrupo, sua renda mais alta os permitia pagar pensão para seus filhos, eles focalizavam sua atenção na provisão econômica em vez de na culpa que eles às vezes expressavam por não estarem sempre disponíveis. Desse modo, assim como Davis esperava passar mais tempo com seu filho quando ele se sentisse mais seguro em sua carreira, Duke, um detetive, por vezes tinha trabalhado em um emprego adicional a fim de garantir a educação de seus filhos:

Já trabalhei em meio expediente aqui e ali por um bom tempo. Teve vezes que, sou divorciado, então eu tinha que pagar uma quantia x de pensão pros meus filhos, e um filho estava estudando em uma escola católica e outras coisas. Claro que você não paga só pensão, você paga por roupas extras e coisas diferentes assim.... Estou tentando me arrumar pra mandar meu filho mais velho pra faculdade.

Como outros pais menos envolvidos, Duke alegou, “Eu gostaria de passar mais tempo com [meus filhos]. Sinto culpa por não fazê-lo”. No entanto, quando sondado sobre o que eles gostariam de fazer se tivessem

tempo extra, os esquivos citaram atividades que não envolviam seus próprios filhos. Duke planejava fazer faculdade de direito; Lou, que era dono de uma firma de investimento internacional, pretendia “estudar mais línguas, artes marciais, computadores”. Ironicamente, alguns deles prefeririam ser mentores — dos filhos dos outros. Como vimos, Clarence, o qual, como estudante universitário, tinha relativamente bastante tempo livre, não o usava para visitar seus filhos com frequência. Em vez de fazê-lo, ele trabalhava como explicador do nível fundamental em regime de meio expediente “não pelo pagamento. Faço isso porque eu gosto e acho que estou ajudando as crianças”. De forma semelhante, Duke sonhava em dedicar sua vida às crianças negras negligenciadas, em vez de tentar cultivar um relacionamento mais próximo com os seus:

Eu gostaria de trabalhar com crianças, especialmente jovens negros depois de ver o que já vi e não ter tempo de gastar com meus filhos e saber que isso os afetou. Gostaria provavelmente de dedicar o resto da minha vida ao trabalho com esses meninos, mas não há dinheiro nisso. Não que eu o faria por isso, mas você tem que sobreviver. Acho que é uma das varas em que eu gostaria de trabalhar quando eu me formar em direito, e também lutar contra a discriminação.

Provedores Envolvidos: As Experiências Empregatícias dos Ajudantes

Como os esquivos, a maioria dos ajudantes também deram primazia à ética do sustento da família. Eles vêem o trabalho como uma característica definidora de sua masculinidade e, portanto, necessária ao seu bem-estar. Otis, ministro de música numa igreja batista, tipificou aquela atitude:

Suponha que você não estivesse trabalhando. Você acha que sua vida familiar mudaria?

Sim. Pessoalmente, eu não poderia não trabalhar. Quer dizer, eu teria de trabalhar. Teria de fazer alguma coisa. Quero dizer que, pra mim, psicologicamente, um homem, um marido, um pai não pode ficar à toa em casa. Até ensino aos meus filhos, quando eles gostam de ficar na cama,

sabe? Um homem não pode se dar ao luxo de dormir tarde. Você não pode cultivar aquele hábito de dormir tarde mesmo se não tiver um emprego. Se for uma folga escolar e eles terem estado ocupados, tudo bem, mas você não pode desenvolver um hábito constante de levantar às 10, 11, meio-dia, uma, duas horas. Você simplesmente não pode fazer isso. E particularmente no estágio adolescente porque o que quer que eles façam, vai atingir a vida adulta de homens. A não ser que eles realmente façam um esforço consciente, não vai mudar.

Como os esquivos, os ajudantes firmemente acreditavam que um homem tem de trabalhar, preferencialmente num emprego com um plano de aposentadoria, plano de saúde e, como Curtis colocou, “um pouquinho de dinheiro...porque a coisa toda de Nova Iorque é que, quanto mais dinheiro você ganhar, mais você vai gastar. No meu contracheque, só vejo deduções, deduções”. Porém, ao contrário dos esquivos, os ajudantes interpretavam trabalhar e prover como a habilidade de “cuidar de [suas] famílias financeiramente”, mas de preferência não a ponto de infringir no tempo passado com os filhos. De fato, os poucos com carreiras de maior exigência tenderam a enfatizar a autonomia e a flexibilidade que permitiam que eles tirassem um tempo, ocasionalmente, para assistir a uma função escolar ou cuidar de um filho doente. Nat, vice-presidente de um banco, explicou como e porque ele tratava sua carreira como um trabalho, embora estivesse completamente ciente de que seu título lhe conferia muitos benefícios:

Ao longo dos anos, diria que uma carreira se tornou um trabalho, ok, e o que eu quero dizer é que a prioridade diminuiu porque há outras coisas que são mais importantes, mas eu vejo a necessidade de ter um trabalho para conseguir o dinheiro pra fazer as coisas que você quer fazer com sua vida. Então eu realmente não trato isso como carreira. Sei que fui abençoado em ter obtido o título de vice-presidente, o que na verdade não significa muito exceto pelo salário e os benefícios, mas não acho que seja o mesmo que em outras firmas onde você é vice-presidente. Mas eu aceito. Não vou dispensá-lo... Há atividades das quais não posso me beneficiar, embora eu tente, com programas escolares, ou tirar meta-

de de um dia pra que eu possa estar presente, porque eu quero estar presente pros meus filhos. Eu não quero que eles nunca sentem que eu não estava disponível quando eles precisaram de mim, então eu faço um esforço consciente para estar lá quando posso.

Talvez por causa de sua atitude quanto ao trabalho, os ajudantes tendiam a estar mais satisfeitos com seus empregos e a ter históricos empregatícios mais firmes que os esquivos. Mesmo quando eles haviam tido condições insatisfatórias no trabalho, como racismo, baixo salário, ou falta de autonomia, eles tenderam a pedir demissão menos que os outros, com medo de não poderem sustentar suas famílias. Nickolas, um zelador de escola que não gostou da maioria dos seus empregos anteriores porque “eles não pagavam um bom dinheiro”, ilustrou esse ponto:

Eu acho que, num país como este, qualquer ser humano deveria estar ganhando mais de US\$10 por hora não importa o seu emprego, porque se é alguém tentando cuidar da família, cuidar dele, o salário mínimo deveria ser US\$10 ou mais.⁵ Você não pode viver de 4,50 ou 5,50, seis dólares por hora, não dá. Eu não largaria o emprego diretamente, mas eu estabeleceria um relacionamento ruim com o trabalho, reclamando, não ficando feliz porque, pra mim, pra uma pessoa como eu, quero o melhor pra mim. Quero o melhor pra eles. E trabalhando, alguns tipos de empregos não estava [sic] trazendo o melhor, então só traz uma atitude ruim.

A pressão de sustentar suas famílias era de fato forte para os ajudantes. Porém, eles eram três vezes menos capazes que os esquivos de terem sofrido desemprego e menos capazes de terem se sentido emocionalmente estressados quanto a isso. Portanto, poder-se-ia argumentar que os ajudantes eram mais desembaraçados que os esquivos. Não só eles não atribuíam um sentido negativo a receber auxílio-desemprego, mas eles também eram mais dispostos a depender de biscates em vez de recorrer a atividades criminosas. Além disso, os relativamente poucos ajudantes que haviam enfrentado desemprego puderam contar com seus parceiros

⁵ Na época, o salário mínimo nos EUA era pouco mais de US\$5 por hora.

e parentes para apoio financeiro e emocional. Curtis, que havia sido mandado embora de vários empregos até conseguir sua posição de segurança escolar, deu crédito à sua mulher (uma funcionária do metrô novaiorquino) por ele não ter afundado:

A minha querida sempre teve um bom emprego. Já eu vivia pra lá e pra cá e, você sabe, você quer sentir que também está contribuindo. Te faz se sentir mal por dentro, sabe?... Não tem nada de bom quando você não tem emprego e tenta ajudar, tenta fazer o melhor possível. Mas ela foi sempre maravilhosa. Ela sempre falava pra mim: 'Cabeça erguida; alguma coisa vai acontecer'. É. Sempre. Ela me apoiava, sabe? Sempre do meu lado, me dizia pra esquecer aquilo, seguir em frente e as coisas iam melhorar pra mim logo. Sempre falou que estava lá pra me dar força.

Nickolas, cuja esposa era dona de casa quando o entrevistei, dependeu de seus parentes para não mudar sua vida doméstica tão drasticamente quando ambos se viram desempregados:

Teve uma vez que eu estava desempregado e minha esposa estava desempregada; nos mudamos com uma família, talvez nove, oito meses. Não durou muito, a gente voltou a trabalhar e bum! Nos reerguemos. Eu e minha esposa sempre tivemos os nossos; mesmo quando os tempos estavam difíceis, sempre tivemos os nossos. Ela se mudou com a mãe dela, eu me mudei com a minha, mas nossas mães moram uma do lado da outra, então era como se nunca ficamos longe um do outro. [Nossos filhos] ficavam na casa dos pais dela ou da minha mãe — estávamos próximos assim, tipo você andava de uma casa à outra pertinho.

Essa ênfase em manter as famílias juntas face à adversidade diferencia os ajudantes dos esquivos ainda mais. Por extensão, quando indagados sobre os efeitos na vida familiar de trabalhar menos horas ou não trabalhar, muitos ajudantes tenderam a focar nos benefícios de ter tempo extra. Thomas, supervisor do correio que achava que ele precisava construir um relacionamento mais próximo com sua esposa, disse:

Tirando o dinheiro, adoraria ficar com a minha família. Minha esposa provavelmente diria que eu dou nos nervos dela, mas tem muito que ela tem que aprender sobre mim e, trabalhando tanto quanto eu trabalho, não fico em contato com aquelas coisas que são valiosas num relacionamento, sabe? Eu realmente lamento trabalhar as horas que trabalho e às vezes eu trabalho 16 horas por dia.... Acho que é por isso que a família se destrói: porque eles trabalham juntos, mas não conhecem os valores de cada um e é triste.

Em suma, como um grupo, os ajudantes se situaram entre os esquivos e os engajados: como os esquivos, eles valorizavam o sustento da família, mas também como os engajados, eles o subordinavam à primacia da vida familiar.

A Família É Tudo: As Experiências Empregáticas dos Engajados

Os pais mais envolvidos (51% da amostra total) eram os que menos tinham uma forte ética de provisão. Isso não quer dizer que eles ignoravam o trabalho. De fato, em média, eles trabalhavam apenas uma hora a menos que os esquivos.⁶ Como a maioria dos homens americanos, os engajados reconheciam a necessidade de uma renda estável. Hathaway, um contador de 42 anos, ficou perplexo com a suposição de não trabalhar: “Tenho que pensar sobre isso. Não trabalhar, não ter um salário. Não sei, isso é difícil — tive de trabalhar toda a minha vida pra agora não pensar sobre isso”. Ao mesmo tempo, até mais do que os ajudantes e independente do status de suas ocupações, a maioria dos engajados prefeririam passar mais tempo com os filhos se tivessem os recursos econômicos; em outras palavras, os engajados valorizam a paternidade mais do que o trabalho. Abdul, um despachante de 19 anos, prontamente demonstrou suas preferências se ele pudesse não trabalhar: “Claro, quem ia querer trabalhar?! Agora mesmo eu poderia estar aproveitando do tem-

⁶ A média de horas por semana que os esquivos passavam no trabalho era 37; os ajudantes passavam o maior tempo no trabalho: 42 horas por semana.

po com a minha filha. Mas eu tenho que sustentar minha filha”. E Eugene, o diretor de 35 anos de uma firma de prestígio, ponderou:

Se eu não estivesse trabalhando, acho, como sera meu humor? Estressado porque não stou trabalhando ou, quero dizer, se eu não estivesse trabalhando por vontade própria eu poderia passar mais tempo com a minha família, sabe? Eu seria como uma mamãe doméstica: faria tudo pra casa estar limpa, coisa do tipo. E eu dedicaria um tempo pros problemas da comunidade, tentaria ajudar dessa forma.

Qual é a fonte dessa orientação em relação ao trabalho? Primeiro, a maioria dos engajados não tiveram longas fases de desemprego; por isso, quando os confrontaram, eles tendiam a não ver aquilo como uma ameaça à sua autoestima porque eles acreditavam que achariam outro emprego em breve e porque eles tinham recursos econômicos e emocionais das parceiras e parentes. Holman, o digitador de 29 anos que se descreveu como “bem doméstico”, concentrou-se no lado positivo de não trabalhar quando foi despedido de seu emprego de longa data três meses antes de nossa entrevista, preparando-se para entrevistas de trabalho e cuidando da casa e dos filhos:

Ficar desempregado foi ótimo! Permitiu-me passar mais tempo com a minha esposa e os meus filhos; me deu a chance de ser só ‘Papai’. As melhores coisas de não se trabalhar foi o tempo com a minha família — muito especial. Não me importo de trabalhar, mas eu dou valor ao tempo com meus filhos. Foi também um bom tempo pra eu aprender sobre o mercado de trabalho porque, quando você está trabalhando, você não pode ver. As piores coisas de não se trabalhar é a renda reduzida. Mas minha esposa foi solidária; ela me viu me mantendo ocupado.

Ao contrário de Holman, Chester, o porteiro de 22 anos, lembrou ter ficado muito deprimido quando ficou desempregado durante um ano: “Comecei a me sentir imprestável, e é muito frustrante. Eu realmente não quero fazer aquilo de novo. Nunca mais.” Para completar, ele descobriu que sua noiva estava grávida. Porém, como Holman, Chester pôde contra com ajuda; ele vivia com sua mãe, que o sustentou financeiramente (e

continuou a contribuir com dois-terços da renda familiar) e o encorajou a seguir com a gravidez. Desde então, Chester e sua noiva viviam com a mãe dele, a qual também os ajudava a cuidar do seu bebê.

Segundo, os engajados tinham as histórias empregatícias mais estáveis dos três grupos de pais, muito embora eles eram um pouco mais jovens que os ajudantes e os esquivos: não só eles tinham sido mandado embora menos vezes, como eles também haviam trabalhado nos seus últimos empregos um pouco mais de tempos que os outros. Os engajados tinham tido uma média de apenas 5,5 empregos, comparado com 11,2 para os ajudantes e 14 para os esquivos. O número médio de anos que os engajados haviam passado nos seus últimos empregos era 6,1; ambos os ajudantes e os esquivos haviam passado menos de 5 anos.

Terceiro, quase todos os engajados, ao contrário de cerca de 25% dos esquivos e ajudantes, gostavam do que faziam, seja trabalhar ou, para 17% deles, estudar em tempo integral. George, um técnico de reclamações de 33 anos, estava satisfeito com seu emprego embora ele desejasse um salário maior:

Eu gosto, mas não gosto do ordenado. Era para eu receber um aumento, mas aí, eles mandaram gente embora. Não posso pedir mais dinheiro, eles poderiam me mandar embora. Mas é um bom trabalho porque, veja bem, quando eu comecei a trabalhar, eles nos treinaram de modo que eu sei não só como fazer o meu trabalho, eu também sei fazer o trabalho de todo mundo. Mas é legal, é uma das maiores firmas que pertencem a membros de minoria do mundo, e está tudo bem.

Para os engajados, que estavam empregados em ocupações de classe média que os outros, mais importante que o salário era a flexibilidade que um emprego podia fornecer a eles para dedicar mais tempo às suas famílias. Isso incluía a falta de requerimentos de hora extra. Eugene explicou porque ele “amava” seu trabalho:

Oh, eu amo meu trabalho. Amo. Eu não o faria se eu não gostasse. Tenho que fazer isso. É frustrante, você se sente como se estivesse lá sozinho, mas posso dar algo de volta para a comunidade, eu posso

ajudar as pessoas quando outra pessoa poderia não se dispor a ajudar. Então isso dá satisfação. E eu tenho um horário bem flexível. Isso é outra coisa de que eu gosto [do meu emprego].

Os poucos engajados que não estavam empregados também desfrutavam de sua situação. Quase todos viviam com mulheres que eram os arrimos de famílias principais (um era casado com uma estudante universitária, como ele) que haviam concordado com eles que seus focos temporários na educação para melhorar suas oportunidades empregatícias era uma vantagem para a família. Diferentemente da maioria dos ajudantes, os quais achavam problemático depender financeiramente de uma mulher, estes homens viram aquela oportunidade como uma “bênção”. Kevin, um antigo ativista, estava tirando dois anos para terminar a pós-graduação e para cuidar do seu filho de um ano. Ele e sua parceira, que viviam juntos, decidiram depender do salário dela como assistente administrativa de uma grande universidade devido ao seu plano de saúde e uso grátis de uma academia que oferecia atividades para pais e bebês. Depois daquele período, eles planejavam se mudar para o sul, onde ele acreditava existirem melhores oportunidades de emprego na sua área de planejamento urbano e também porque ambos queriam criar seu filho próximo à família de Kevin. Para ele, as piores coisas sobre não trabalhar era o isolamento das “pessoas, discutindo questões, problemas do dia-a-dia”. Porém, isso não era nem um pouco tão importante como o relacionamento especial que ele havia cultivado com seu filho:

[Meu tempo] é dividido mais ou menos igualmente entre ele e a escola. Tenho o equivalente do que seria considerada uma carga integral. E quando não estou em aula e estudante, cuido dele. Eu adoro porque eu realmente aprecio os estudos, sempre tive uma inclinação naquela direção; eu só resisti mais pra ser ativista em vez de acadêmico porque a vida acadêmica não tem a melhor reputação na nossa comunidade.... A outra coisa é que tem sido um ano simplesmente incrível estar com esse garoto. É diferente de qualquer outro tempo na minha vida. Ele é totalmente dependente e todos os dias posso ver pequenas coisas que mostram que ele está ficando cada vez mais independente, o que é muito legal.

Como os outros pais engajados altamente envolvidos, Kevin se definiu como cuidador em direta oposição à estereotípica imagem do pai sustentador:

Não sou só o cara que vai pra casa de noite do trabalho, sabe, joga [o filho] no ar umas duas vez e vai pra cama, mas estou envolvido na coisa toda. Eu dou comida a ele, eu troco suas fraldas, eu dou banho nele. Vamos às aulas de natação, vou ao parque com ele, damos comida aos esquilos. No verão, a gente fica metade do dia no parque deitado no cobertor brincando, conversando e tem sido quase um luxo, porque na maioria das vezes você não pode simplesmente parar de trabalhar. Então estou feliz com o que estou fazendo agora. Eu sei que não pode durar. O momento é realmente — tive muita sorte. Eu me considero sortudo.

As palavras de Kevin enfatizam o fator final na orientação que os engajados têm em relação ao trabalho: a chance, ainda rara, de ter relacionamentos com mulheres que possam reverter papéis com eles (Gerson, 1993). Embora isso não fosse possível para a maioria dos engajados, eles com frequência dividiam o sustento da família com as mulheres; um-terço deles viviam com mulheres que ganhavam mais do que eles. Portanto, como um grupo, eles sentiam a menor pressão de prover para suas famílias; seu ímpeto de serem bem sucedidos no mercado de trabalho era secundário a ser uma influência para seus filhos tão forte como as mães, a ponto de terem adiado melhoramentos nas carreiras até que eles tivessem achado que haviam suficientemente “cultivado e nutrido” suas crianças.

Essa atitude “centrada na criança” (Coltrane, 1996, p. 62) começou cedo. Embora os engajados fossem apenas um pouco mais capazes de planejar seus filhos, era muito mais comum entre eles tirarem licença do trabalho quando as crianças nasceram e assistirem aos partos.⁷ Tipica-

⁷ Em contraste, a maioria dos esquivos disseram que eles só souberam dos nascimentos de seus filhos mais tarde porque eles não tinham mais um relacionamento com as mães. Os ajudantes tenderam a atribuir sua ausência a terem chegado atrasados no hospital ou a terem sido barrados da sala de parto pelos médicos. Em geral, os pais dos adolescentes disseram que era incomum para os homens serem admitidos nas salas de parto no fim da década de 1970, quando seus filhos nasceram.

mente, eles descreveram essas experiências como “lindas”, “eventos abençoados” e “cheios de suspense, como uma corrida numa montanha russa”. Como vários haviam feito cursos de parto, eles alegaram que não ficaram nervosas, apesar de que os médicos nem sempre acreditaram neles. Segundo a descrição de Brook,

Uma linda experiência: segurando a mão da minha esposa, passando por isso. Os médicos pensaram que iriam esperar e ver se você vai desmaiar ou não porque ela teve que fazer cesariana e eu não sou melindroso assim. Assisti a todo o procedimento. Sim e foi um evento abençoado quando meu filho saiu. Eu fui bem.

Em suma, os pais altamente envolvidos subordinaram o trabalho ao processo de ser pai, uma prática que havia começado antes mesmo de as crianças nascerem.

Um Caso Especial: Pais Tutelares

Um pequeno grupo de pais (22% da amostra total) estavam criando seus filhos por si só. Em todos os EUA, a proporção desse tipo de pais ainda é pequena mas continua a crescer entre brancos e negros (Bennett e DeBarros, 1996). Esses homens subordinam a provisão econômica à vida familiar ainda mais que os outros pais fortemente envolvidos.

Uma pequena minoria deles partilhava a custódia de seus filhos com suas ex-esposas e contavam com os salários delas, mais altos que os seus, para a pensão das crianças. Divorciados de mulheres com carreiras, eles acreditavam que seus relacionamentos eram mais amigáveis que durante seus casamentos e que a guarda partilhada tinha sido uma decisão mútua que partiu dos fortes laços que os pais haviam estabelecido com seus filhos antes dos divórcios. Marvin, 35 anos, um explicador em meio-expediente num centro comunitário, estava desempregado quando sua filha nasceu. Quando sua esposa (que ele chama de “Miss Independente”) voltou a trabalhar, ele achou que era natural que ele cuidasse da bebê em tempo integral:

Eu era o Sr. Mamãe o dia inteiro. É, trocando fraldas e fazendo mamadeira, misturando o leite, acordando às quatro da manhã, dando comida a ela; ela tinha um ciclo de três horas. Parecia que eu era quem nunca dormia. Toda hora, bem na hora, algo assim.

Ela mamou no peito?

Não.

Então você realmente não tinha desculpa.

Eu não tinha desculpa. Tinha que levantar não importa o quê. Ela era legal. Ela foi bem. Ela deixava eu saber, tipo, 'Ei, papai, estou molhada. Estou melada. Hora de me dar comida' e ela tomava a mamadeira e voltava a dormir. Eu adorava isso. Eu adorava porque ela não tinha cólica, nada disso. Sou tão grato que ela não teve aquilo!

Três anos depois, a filha de Marvin vivia com ele durante a semana. Como ele pagava a escola dela enquanto que sua ex-esposa pagava por tudo mais, ele se considerava tanto provedor como cuidador. Embora ele gostasse daquele arranjo, ele notou que exigia uma flexibilidade de horário que muitos pais não têm:

Estou muito envolvido, 125%. Às vezes eu até faço tranças no cabelo dela. Ela adora vir [ao meu trabalho].... Nós dividimos ao meio. Ambos temos a guarda, então não é como se ela fosse ser arrancada daqui.... É raro, se você me perguntar, mas tudo se equilibra. Tem funcionado muito bem. Quer dizer, não funciona pra todo mundo porque minhas horas são flexíveis. É o que eu gosto disso. Minhas horas são realmente flexíveis.

Por outro lado, um grupo maior de pais tutelares tinham a guarda exclusiva de seus filhos. Seus relacionamentos com as mães dos filhos eram mais problemáticas; alguns dos homens citaram abandono pelas ex-esposas e outros alegaram que as mulheres não eram aptas para serem mães. Somente alguns mantinham uma relação amigável com as ex-mu-

lheres. Esses homens também tinham uma situação econômica melhor: a maioria em profissões de classe média, poucos haviam sofrido desemprego.

Mais que outros pais, esses homens optaram por se concentrar na criação dos filhos, tentando ao máximo organizar seus horários de trabalho em torno dos horários das crianças. Para aqueles que, como Melvin, eram donos de negócios, isso era mais fácil de se conseguir:

Bom, eu sacrifique o tempo para passar com eles, ponto. Prefiro não, como dizer? Não quero dizer que eu preferiria não trabalhar para lidar com o cultivo e a educação dos meus filhos em vez de trabalhar. Agora eu penso, você tem que estabilizar sua criança do nascimento até provavelmente 15, 16, se não 18. as exigências e os males sociais da nossa sociedade requerem uma forte influência positiva dos pais além de uma influência adulta.

Nos dez anos antes de nossa entrevista, Kendrick trabalhava como mensageiro para a mesma companhia porque lhe era permitido organizar o próprio expediente:

É como se eu fosse meu próprio patrão: eu venho e vou quando eu quero. Quando eu sei que está na hora de pagar meu aluguel, trabalho de 9 às 5, sabe? Mas às vezes eu ganho US\$67 em um dia e não vou trabalhar duas, três horas, entende? É assim que o emprego é. Estou trabalhando por comissão. E essa é a única razão porque eu estou aqui há dez anos, porque eu vou e venho quando bem entendo. Vamos supor, se eu tirar férias por um ano, posso voltar. Não tenho que marcar ponto nem nada.

Embora o horário de trabalho de Kendrick lhe fornecia uma renda mais baixa, ele achava que isso era menos importante que o tempo que ele reservava para seus filhos:

Eu quero dar às minhas crianças tanto porque, às vezes, eu não tenho condições de dar a eles as coisas que eu quero dar, sabe? Mas isso não me

deixa mal, porque, contanto que eu dê a eles meu tempo e meu amor, acho que é o que eles precisam, porque eles ficam tão felizes ao me verem quando eu chego em casa.

Porém, a maioria dos pais não estavam em posição de desfrutar de horários tão flexíveis. Levert, Sam e Leon haviam contado com a ajuda dos parentes, dos programas após a escola e, menos escala, das creches pagas. Sam, um engenheiro com um próspero histórico empregatício, separou-se da segunda esposa quando seu filho (um pré-vestibulando de 17 anos à época da entrevista) tinha um ano de idade. Cerca de cinco meses depois, ela entrou com um pedido de pensão para ela e para o filho (embora era ele quem estava com a criança), o que o levou a entrar com um pedido de guarda exclusiva. Quando ele ganhou, ele pediu à sua primeira ex-esposa, com quem ele tinha três filhos e um relacionamento amigável, para cuidar do seu filho menor durante a semana, por um ano:

Durante aquele período de tempo, *ela* cuidou dele. Ela trabalhava e tinha uma babá durante o dia, mas ela era a principal pessoa durante a semana. Nos fins de semana, ele ficava comigo.

E quando ele estava com você, você tinha babás?

Não, não tinha. Eu fazia *tudo*.

Pode-se ver que, não fosse o apoio de sua ex-esposa, poderia ter sido muito mais difícil para Sam ser um pai em tempo integral. Além disso, o salário regular de Sam permitiu a ele pagar uma babá nos fins de semana e até mesmo manter um computador que falava, o qual ele programava para acordar seu filho e lembrar-lhe de escovar os dentes. Ele admite que “[o computador] meio que facilitou as coisas pra mim.”

Portanto, ser um pai altamente envolvido requer não só uma atitude centrada na criança, como também apoio social e as condições trabalhistas corretas. Optar pela paternidade envolvida é uma tendência cada vez mais comum entre os homens americanos. Entretanto, como os vários

exemplos demonstram, também exige um ambiente de trabalho que reconhece as necessidades e as preferências, em mutação, dos pais que trabalham fora. No fim do século XX, isso estava longe de ser uma realidade para a maioria dos homens, independente de raça ou classe sócio-econômica. Ao analisar as escolhas empregatícias dos pais envolvidos, Gerson (1993, p. 245) notou:

Contrário ao estereótipo do homem obcecado com o trabalho, a maioria dos pais envolvidos preferiam trabalhar menos e cuidar dos filhos mais.... Dadas as condições certas, muitos homens abririam mão de empregos tradicionais em favor de um maior controle sobre as condições de trabalho e a habilidade de passar menos tempo no fazendo. Para pais envolvidos, mais flexibilidade e controle significavam mais tempo para a vida familiar, não somente mais tempo para o lazer. Porém, as condições certas raramente existem para os que escolheriam passar menos tempo no trabalho e mais tempo com suas famílias. Os obstáculos que reprimem a participação doméstica dos homens não apenas tornam a igualdade entre pais e mães uma opção elusiva; também perpetuam a crença que todos os homens preferem o status quo.

As Mulheres e a Construção Social da Paternidade

Como as mulheres afetam o envolvimento dos homens na vida familiar? Os depoimentos dos homens sobre sua participação no serviço de casa bem como sobre sua ligação com o trabalho repetidamente se referiram às mulheres em suas vidas. Portanto, os relacionamentos amorosos dos homens fornecem a última peça no quebra-cabeça que explica seu envolvimento na criação dos filhos e na casa.

Os homens vêem as mulheres como agentes na sua construção social da paternidade.⁸ Os homens que ficaram felizes ao descobrirem que iriam ser pais mesmo se não tivessem planejado a gravidez e que também achavam que tinham um relacionamento sólido com suas mulheres ten-

⁸ Devo esse *insight* a Steven L. Nock (1996, comunicação pessoal).

deram a ter pelo menos um nível moderado de envolvimento com seus filhos. Em outras palavras, eles viam a paternidade como uma extensão do relacionamento positivo que tinham com suas parceiras. Por exemplo, Steve, um ajudante com dois filhos pequenos, estava morando com a namorada quando ela anunciou que estava grávida. Embora ele tenha me dito que “não foi uma decisão, só algo que aconteceu”, ele alegou não lamentar porque ele “realmente gostava dela”. Aborto não era uma opção:

Isso é algo que você lamenta. Não eu, porque ela era quem teria que passar por isso, mas eu acho que você lamenta muito. Você começa a se questionar, e se a gente tivesse tido, então ... Eu penso assim: se você não quiser ter nenhum filho, não tenha, mas não dê bofeira. Tome as precauções pra não ter. Mas uma vez que você tiver, e você ficar grávida, vai até o fim, ‘tá me entendendo? Não começa aquele processo todo de abortar e coisa e tal.

Sete anos depois, quando ele se tornou pai novamente, as circunstâncias eram diferentes porque, àquela altura, ele e sua namorada haviam se casado e planejado a gravidez. Como ele colocou, “Bom, esse foi planejado. Esse foi planejado porque eu pensei, outro filho desta vez, e ela também falou que não teria mais nenhum a não ser que a gente se casasse. E a gente se casou e agora é a melhor época, a gente teria mais um e pronto”.

Lamont, que se referia à namorada que vivia com ele como sua “esposa na lei comum”, também focava na felicidade por trás de sua falta de planejamento da gravidez:

O que fez você e sua esposa decidirem a ter o neném então?

Imagino que — não quero dizer isto — talvez foi amor, não sei.

Então foi planejado?

Eu não planejei. Eu não planejei.... Não sei se ela planejou. É uma coisa ótima que aconteceu. Fico feliz que aconteceu.... A gente ficou feliz

quando descobriu, eu fiquei feliz. Vamos ficar com ele e ser bons pais pra ele. A gente vai amá-lo mesmo se não puder dar nada a ele.

O fato que os homens com o maior grau de envolvimento na criação dos filhos também eram os que mais tendiam a morar com as mães de seus filhos reforça mais o argumento de que as mulheres medeiam a paternidade. Otis, um ajudante que se casou com sua esposa porque ela era “muito atenciosa, ambiciosa e ótima companhia” e que apreciava os papéis de marido e pai, ilustrou esses sentimentos quando relembrou o tempo que ela esperava seu primeiro filho (à época da entrevista, eles tinham dois filhos adolescentes):

Eu acho que nós estávamos prontos para ter filhos. Estávamos casados quase três anos... I fiquei super feliz, ó Deus, sim. Fiquei sim.... Quando eu descobri que nós íamos ter neném, eu simplesmente presume que seria menino. Eu saí e comprei roupas pra menino, e brinquedos. Eu construe um altar com todas essas coisas esperando por ele chegar. Eu estava muito feliz.

Em contraste, os homens com um histórico de conflito com as mães de seus filhos, que se sentiram encurralados por elas quando ficaram sabendo da iminente paternidade e que pensaram que as gravidezes eram erros eram os que mais deixaram as mulheres e evitavam envolvimento com os filhos; em outras palavras, eles viam a paternidade como uma extensão do seu relacionamento negativo com seus parceiros. Norman, um esquivo que só começou a ter um relacionamento com sua filha de 14 anos no ano anterior à nossa entrevista, ilustrou este ponto:

O que fez você e a mãe de sua filha decidirem ter a criança então?

A gente não...isso foi o que eu diria um acidente, puramente ter sido irresponsável. Na época eu botei a culpa nela, por ser mais velha. Agora, não tem nenhuma desculpa pra eu dizer, 'bom, eu tinha 17 anos, eu era menor'. Isso tinha pouco a ver com meu nível de conhecimento naquela época. Como você pode ver, um garoto de 17 namorando uma de 23,

você tinha que ter algum tipo de conhecimento sobre a vida pra se comportar num relacionamento como aquele. ... Eu fiquei zangado no minuto que ela me disse que estava grávida. Achei que ela estivesse tentando me aprisionar. Eu disse, novamente, que ela era a mais velha, eu presume, eu nunca perguntei a ela se estava usando anticoncepcional. E nós não nos falamos por três meses, de maneira que quando eu a vi de novo, ela estava bem uns quatro ou cinco meses grávida. A gente tinha uma relação bem distante então.

Como a pesquisa já mostrou (Arendell, 1986; Furstenberg e Cherlin, 1991), um amargo divórcio ou separação também pode levar os homens a se tornarem “não-pais”. Frequentemente, os homens alega, que suas ex-parceiras não lhes permitem fazer parte das vidas de seus filhos porque elas têm problema em separar o papel de amante do papel de pai. Isso mostra que a paternidade é intimamente ligada às relações de poder entre homens e mulheres. Por exemplo, Duke, um esquivo, insistiu:

As [mães dos meus filhos] têm a atitude [que] como eu me sinto em relação a eles [é igual a como me sinto] em relação aos meus filhos. E é totalmente diferente e eu tenho um problema com isso e é meio difícil pra mim explicar isso pra elas. Não tenho certeza que elas são capazes, qualquer uma das duas, de entender. E uma série de coisas são baseadas nisso.

Thomas, um ajudante casado em segundas núpcias, também culpou sua ex-esposa pela sua falta de envolvimento com a filha. Embora ele diga que tinha ficado “muito feliz” com o nascimento e que ele passava tanto tempo com a recém-nascida que sua esposa tinha ciúmes dos dois, sua hesitação sobre o casamento e interferência de sua sogra levou-o a procurar uma separação quando a menina tinha dois anos. Embora ele tivesse obtido a guarda da criança, ele parou de passar tempo com ela porque ele achou que sua ex-esposa estava impedindo o relacionamento dos dois; sentindo-se culpado pelo divórcio, ele optou por não lutar por mais tempo com a filha:

Eu não sei o que foi. Fomos ao tribunal juntos, eu achei que ela me deixaria ver a menina. Ela manteve a menina longe de mim e eu costumava ir buscar minha filha e ela chamava a polícia, dizendo que eu não tinha trazido a menina de volta em tempo, isso e aquilo, e então eu simplesmente evitei visitá-la. E eu prometida a essa senhora que eu a levaria à justice, mas eu não quis lutar com ela no tribunal. Eu não acho que aquele lugar era apropriado pra isso. Eu não gosto disso, então não o fiz, então ela cresceu...

Quanto mais os homens guardam rancores contra as ex-mulheres, mais tempo leva para eles terem relacionamentos satisfatórios com seus filhos. Os homens podem superar esses sentimentos se eles conseguirem forjar novos e satisfatórios relacionamentos amorosos. Numa minoria dos casos, os homens notaram que suas novas esposas os haviam encorajado a tentar se reconciliar com suas antigas parceiras como forma de desenvolverem laços com seus filhos (Penha-Lopes, 1995).

Arendell (1986) notou que era comum os homens ignorarem seus filhos de casamentos anteriores uma vez que se casavam novamente e tinham mais filhos.⁹ Porém, descobri que, em alguns casos, os homens não contam os filhos de relacionamentos anteriores como seus próprios quando suas ex-parceiras formam novos laços com outros homens. Na mente deles, se um homem termina uma relação com uma mulher, ele pode abrir mão de sua paternidade e esperar que o novo parceiro dela se torne o *pater* ou “papai” de seus filhos, definido como um homem que cria uma criança de outrem (Stack 1974:157). Nas minhas entrevistas, os homens não mencionaram a existência de tais crianças até que eu perguntei a eles se eles tinham algum filho natural que não morava com eles, assim excluindo-os do número de filhos que eles tinham, por que razão haviam se decidido em tê-los e como eles se sentiram quanto a se tornarem pais naquele momento. Isso é clara-

⁹ Uma entrevistada no estudo de Arendell sobre mães divorciadas descreveu a atitude e o comportamento do ex-marido com relação aos seus filhos deste modo: “Ele costumava levar as crianças para visitá-lo, mas ele simplesmente não tem mais espaço pra eles agora que casou de novo. É como se os filhos não tivessem mais lugar na vida dele” (1986, pp.116-117).

mente exemplificado por Curtis, o qual havia mencionado apenas uma filha de cinco anos que ele adorava — a criança que ele tinha tido com sua esposa — até aquele ponto. À medida que insisto sobre a criança mais velha, percebe-se como ele fica me relembrando do casamento de sua ex-amorada como motivo da sua falta de envolvimento:

Você tem algum filho natural que não vive com você?

É, tenho um. Um menino. Ele tem uns nove anos agora.

Com quem ele vive?

Ele está no sul. Ele vive no sul.

Com a mãe dele?

É.

Você não tinha me falado sobre esse filho antes. O que fez você e a mãe dele decidirem em ter o menino?

Bom, na época, eu estava me mudando. Eu estava indo pro norte de qualquer forma naquele tempo, então eu, realmente, ouvi sobre isso mais tarde...

Então você não é próximo do seu filho?

Não, não sou tão próximo dele. Fui lá, sabe, pra dizer 'oi' pra todo mundo.... Ela está casada e coisa e tal. ...Ela está muito feliz e a família dela é muito simpática e feliz, então eu só vou e digo 'Como vai?' pra todo mundo....

Seu filho vem a Nova Iorque visitá-lo?

Não, não.

Por que não?

(Fala junto; não responde.)

Sua filha o conhece?

Não.

Por que não?

Ela não conhece ele. Vou levar ela lá. Era pra gente ter voltado em abril, tipo em março, antes da Páscoa, ir lá....

Sua esposa — como ela se sente em relação a isso?

Ela não sabe. Eu não digo a ela.

Esta entrevista é definitivamente anônima; nem sei o nome da sua mulher. Você não considerou a relação que teve com a mãe do seu filho séria?

Não, não! Era, sabe, uma dessas coisas, sabe? Acontece.

Então com que frequência você o vê?

Não vejo ele com muita frequência porque eu não vou ao sul com tanta frequência. Eu acho que eu fui lá no sul, nos dez anos que eu moro em Nova Iorque, umas duas vezes e a maioria foi visitas curtas.

Mas você o viu naquelas duas vezes?

Não, eu só passei por lá, mas eu não vi ele. Eu te falei que ela é casada.

E você está satisfeito em não vê-lo? Como se sente?

Bom, tudo bem comigo. Quando eu vou lá, se eu realmente quisesse ver ele, eu trazia ele...

Então você voltou duas vezes e o viu naquelas duas vezes.

Não, eu não vi ele.

Você nunca o vê.

Não.

Prova de que Curtis não se identificava como pai do seu filho natural é sua resposta à pergunta, “O que você acha de você como pai?” Ele diz, “Eu te digo, eu amo aquele cara. Amo mesmo. Acho que estou fazendo um trabalho bem bom”. Em outras palavras, o fato que ele nunca se encontrou com o filho não interfere na sua concepção de pai. E a raiz daquela idéia é sua falta de relacionamento com a mãe do seu filho.

De modo inverso, as mulheres também pode afetar a concepção de paternidade dos homens através das crianças que elas trazem para os relacionamentos. Especificamente, se um homem embarca numa relação séria com uma mãe solteira, ele pode optar por criar os filhos dela como se fossem seus. Holman, um engajado que, à época da entrevista, estava no processo de adotar formalmente seu filho mais velho, explicou:

Eu queria estar com [a mãe dele] e eu estava apaixonado por ela, e eu falei, ‘Esse menino vai gostar de mim’ (risos). E também não vou comprá-lo, porque isso não dá certo. Minha mãe sendo mãe solteira, eu conheci caras que estavam interessados nela que tentavam nos comprar e isso me enojou. Eu falei não, isto não vai acontecer.

O que você achou de se tornar pai naquele tempo?

Deu medo porque...ele não é seu, sabe, na realidade. Eu amo criança, mas eu tinha que lidar com o fato que ele é filho de outra pessoa primeiro e eles passavam algum tempo juntos, então eu não queria ficar no caminho e confundi-lo; foi uma época difícil. Eu não queria magoá-lo de jeito nenhum e eu tinha que ter cuidado com como eu ia atacar isso, sabendo que eu e [a mãe dele] tínhamos acabado de começar a

namorar Não tínhamos tomado a decisão ainda de sermos marido e mulher, então eu podia não me tornar pai dessa criança.... E aí, quando aconteceu, ficamos muito ligados e aí eu e ela desmanchamos por um período e aquilo foi muito difícil.... Etão houve ocasiões quando eu não a via, mas eu ia ver só elehim. Ou eu ligava e ia lá pra vê-lo quando ela estava trabalhando, o que seja. E eu fico feliz que eu fiquei em contato.

Embora apenas 7% dos homens tinha confrontado essa situação, 24% haviam sido criados em parte por padrastos, 73% dos quais achavam que eles haviam os tratado tão bem quanto eles tratariam um filho biológico.

Os pais tutelares (22% da amostra total) também traçaram seus status aos seus relacionamentos com mulheres. Comparados aos que eram moderadamente envolvidos nas vidas de seus filhos, os pais solteiros altamente envolvidos (70% dos pais tutelares e 16% da amostra total) eram mais propensos a viverem com seus filhos em tempo integral, a ganharem mais que suas ex-esposas e a crer que foram elas que decidiram terminar os casamentos. Portanto, eles justificavam seus arranjos de moradia como uma tentativa de maximizar a harmonia nas vidas dos filhos.

As Mulheres e o Envolvimento dos Homens no Serviço Caseiro

Como na maioria das famílias afro-americanas, menos de um-terço dos homens que viviam com mulheres (18% da amostra total) eram os únicos provedores, mas 10% (7% da amostra total) eram sustentados pelas parceiras.

Provedores únicos e primários tendiam a dividir o serviço caseiro mais desigualmente, focando nas atividades que eles apreciavam. Lionel, por exemplo, admitiu que sua namorada fazia praticamente todo o serviço caseiro, mas ainda assim insistiu que a divisão deles era “legal” porque ela era dona-de-casa em tempo integral e estudante em meio-expediente: “[Ela tinha] tempo de sobra de mais e, você sabe, isso não é bom. Ela agora não está na escola e não está trabalhando, então [o serviço caseiro] dá a ela um senso de responsabilidade”. Nickolas, que se orgulhava de “não ter que fazer coisa nenhuma”, concedeu que ele era muito mais

ativo quando sua esposa, de licença por invalidez quando da nossa entrevista, trabalhava em tempo integral—algo que sua esposa (que estava presente na entrevista) não negou.

A realidade da provisão partilhada (i.e., o status empregatício das mulheres e sua relative contribuição salarial) faz com que os homens sintam a necessidade ou a pressão de pelo menos ajudar no trabalho doméstico, o que suporta tanto a teoria sócio-estrutural quanto as normas culturais de comportamento de gênero. Por exemplo, Norman, que era casado com uma provedora primária, fazia a maior parte do serviço de casa e achava que a divisão do trabalho em sua casa era justo. Apesar de notar que “há um monte de coisas de que ela reclama sem parar”, de modo geral a divisão deles “não me incomoda. É só eu e ela aqui, e quem mais vai fazer essas coisas? E ademais, estamos aqui um pro outro, mas como eu disse antes, não me incomoda. Estou bem com o jeito que está”. Jerry, que era casado com uma colega de faculdade e trabalhava em meio-expediente, disse que eles se esforçavam para manter o serviço caseiro dividido irramente e evitam conflito avisando um ao outro quando eles achavam que a divisão estava ficando desigual.

Conclusão

As trajetórias de trabalho desses pais sustentam o argumento que as dificuldades no mercado de trabalho afastam os homens do envolvimento familiar (Wilson 1987), mas também confirmam a tese que as perspectivas que os homens têm sobre o trabalho influenciam suas escolhas quanto à paternidade (Gerson 1993). Em síntese, o envolvimento paterno é tanto uma função de restrições estruturais como das interpretações e ações dos homens sobre elas. Afinal de contas, nem todos os homens com uma história de desemprego e abandono de empregos eram esquivos e nem todos os homens bem sucedidos em suas carreiras eram pais altamente envolvidos. De grande importância, portanto, são como os homens constroem suas experiências no mercado de trabalho e como eles lidam com a ética de sustento, a qual, até muito recentemente, era a única definição aceitável de masculinidade. Como colocou Chester, “Eu acho que o papel dos pais na criação dos filhos parece quase ignorado,

como, sabe, a opinião é que o pai tem que ser o provedor e eu não concordo com isso”. De fato, 91% dos engajados, 75% dos ajudantes, mas somente 44% dos esquivos concordaram que a primeira responsabilidade de um homem casado é sua família. A atitude de Marvin é típica dos pais mais envolvidos: “Não, a responsabilidade principal de um homem casado não deveria ser seu emprego. A responsabilidade principal de um homem casado deveria ser ele mesmo e sua família—ele mesmo como um homem. E ele mesmo para a família, porque, sem a família, você não é um homem”.

Atitudes não nascem num vácuo. O apoio emocional e financeiro que um pai desempregado recebe de sua rede social diferencia entre os homens que assumem um papel ativo nas vidas de seus filhos e os que não o fazem, de modo que o desemprego, exacerbado pela falta de apoio, afasta os homens da vida familiar. Em comparação, os esquivos eram os mais socialmente isolados dos três tipos: eles não só passaram pelos períodos mais longos de desemprego e empregos sem a menor possibilidade de sucesso, mas os que menos receberam auxílio da família e dos amigos. Por outro lado, a maioria dos engajados e ajudantes tinham tido ajuda—principalmente em períodos financeiramente problemáticos—de suas parceiras, mães, de seus parentes e amigos que agiam como parentes. Isso sugere que o ambiente de trabalho e a família precisam ser melhor integrados, pois os pais menos envolvidos o são, em parte, porque eles carecem de uma rede de amparo formada por amigos e parentes.

Além das interpretações de suas experiências de trabalho, as maneiras como os homens vêem as mulheres em suas vidas também afetam seu envolvimento na família. Segundo as interpretações dos entrevistados, as mulheres afetam o comportamento masculino ao mediar suas conexões com seus filhos, ou como ex-mulheres ou como parceiras atuais. Para os entrevistados que viviam com mulheres, sua participação no serviço caseiro também se relacionava com o status empregatício de suas parceiras. Portanto, vivam ou não juntos, os homens e as mulheres continuam a influenciar as vidas uns dos outros ajudando a definir a paternidade.

Referências

Arendell, T. (1986). *Mothers and divorce: Legal, economic, and social dilemmas*. Berkeley: University of California Press.

Bennett, C. E., & DeBarros, K. A. (1996). "The Black population." <http://blue.census.gov/population/www.pop-profile/blackpop.html>. Acessado em 28 de outubro de 1996.

Bowman, P. J. 1988. "Post-industrial displacement and family role strains: Challenges to the Black family." In P. Voydanof & L. C. Majka (orgs.), *Families and economic distress*. Newbury Park, CA: Sage.

Coltrane, S. (1996). *Family man: Fatherhood, housework, and gender equity*. New York: Oxford University Press.

Furstenberg, Jr., F. F., & Cherlin, A. J. (1991). *Divided families: What happens to children when parents part*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Gerson, K. (1993). *No Man's Land: Men's Changing Commitment to Family and Work*. New York: Basic Books.

Majors, R. G., e Bilson, J. M. (1992). *Cool pose: The dilemmas of Black manhood in America*. New York: Lexington Books.

Penha-Lopes, V. (1995). 'Make room for daddy': Patterns of family involvement among contemporary African American men." In C. K. Jacobson (Ed.), *American Families: Issues in Race and Ethnicity* (pp. 179-199). New York: Garland.

Penha-Lopes, V. (1999). *It's a family affair: Parenting, domestic participation, and gender among Black men*. Unpublished dissertation, New York University.

Penha-Lopes, V. (2006). "To cook, sew, to be a man!: The socialization for competence and Black men's involvement in housework." *Sex Roles*, 54, 3/4, 261-273.

Stack, C. B. (1974). *All our kin*. New York: Harper & Row.

Wilson, W. J. (1978). *The declining significance of race: Blacks and changing American institutions*. Chicago, IL: University of Chicago Press.